

DF - Educação

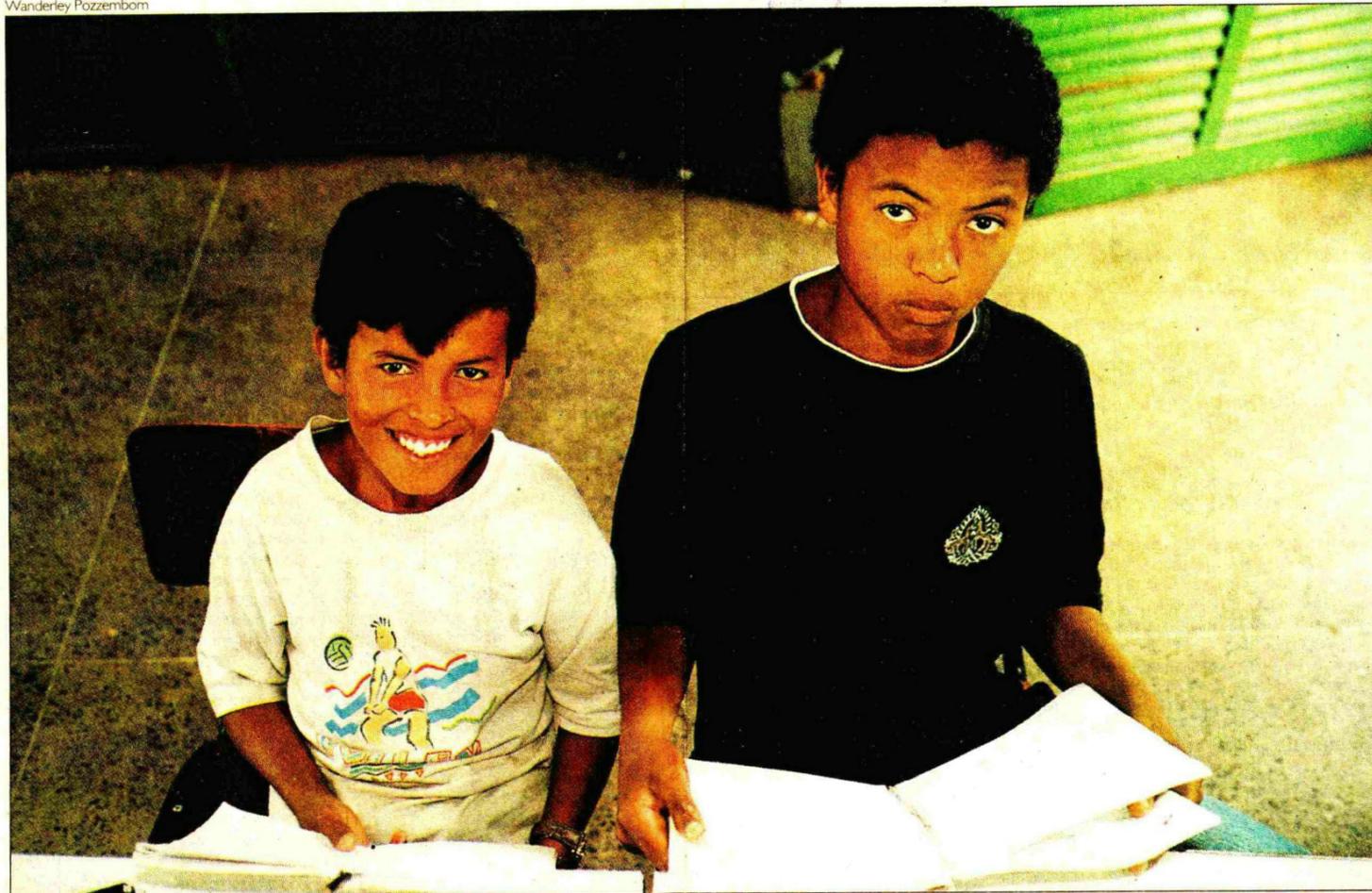
ESFORÇO DE LEITURA

CORREIO DE BRASÍLIA

19 SET 1996

Philio Terzakís
Da equipe do Correio

Wanderley Pozzembom



Os irmãos Francisco e Djalmir, de 12 e 15 anos, tentam aprender a ler no Recanto das Emas, numa das 195 escolas incluídas no projeto contra repetência

Francisco de Assis da Silva tem 12 anos e é um garoto tímido, que não gosta de falar.

Na escola, só faz a lição longe dos outros colegas, com medo da gozação.

Talvez por um problema de gagueira que atrapalha sua relação com as palavras. Há seis anos, Francisco tenta aprender a ler.

Djamir é irmão de Francisco. Tem 15 anos e também não sabe ler, apesar de ter entrado na escola há oito anos. Quer ser jogador de futebol. Prefere jogar todos os dias como zagueiro, no time de sua rua. Mas promete, com um sorriso: "Este ano, eu passo".

Aos 14 anos, Célia dos Santos Silvano aparenta ter dez. Seus pais são analfabetos e fazem de tudo para a filha aprender a ler. Mas a menina ainda não conseguiu, embora esteja tentando há oito anos. "Eu bagunço muito", explica, repetindo o que ouviu das professoras.

Francisco, Djamir e Célia não são os únicos com dificuldades para aprender a ler. As causas variam: aulas desinteressantes, professores despreparados, problemas emocionais, dificuldades financeiras. Raramente, por incapacidade do aluno, segundo a Fundação Educacional do Distrito Federal.

No ano passado, a Secretaria de Educação detectou 24 mil alunos, com idade entre nove e 15 anos, matriculados no Ciclo Básico de Alfabetização (CBA) há mais de três anos. Cada aluno deveria permanecer no máximo dois anos no CBA até estar apto para cursar a 3ª série do 1º grau. Até a 8ª série, o DF tem 66.210 repetentes.

Desde outubro do ano passado, metade desses alunos reprovados entrou no projeto *Repetência: vamos riscá-la de nossas escolas*, elaborado pelo Governo do Distrito Federal (-

GDF). Os números mostram que 90% deles aprenderam a ler nesse período. Cerca de 2 mil conseguiram passar para a 3ª série.

"Esses alunos não são incapazes. Acontece que a reprovação marca as crianças, que ficam desestimuladas. Elas não acreditam mais que podem passar de ano. Temos que trabalhar a auto-estima desses alunos", explica a assistente da Divisão de Ensino Fundamental da Fundação Educacional, Vera Maria Ribeiro Viana e uma das coordenadoras do projeto.

CONVÊNIO

Como prêmio pelo projeto, um convênio firmado ontem entre o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e a Secretaria de Educação destinou R\$ 66.200 para ajudar

a combater a repetência nas escolas públicas do DF. O representante do Unicef no Brasil, Agop Kayayan, se comprometeu ainda em divulgar a idéia pelo país.

Segundo o secretário de Educação, Antônio Ibañez, a quantia simbólica vai ser usada para a compra de livros, capacitação de professores, publicação de experiências dos professores e divulgação do projeto entre os pais dos alunos, que ainda se mantêm longe do processo.

"Eu conheço a sensação de ser reprovado. Já repeti uma série porque me apaixonei por uma colega", contou Agop Kayayan.

"Espero que o projeto não acabe com esse tipo de repetência", brincou o governador Cristovam Buarque.

O GDF também recebeu do Unicef

um prêmio *Criança e Paz*, pelo programa Bolsa-Escola e pelo combate à prostituição infantil.

PROJETO

O projeto *Repetência: vamos riscá-la de nossas escolas* começou a funcionar em outubro do ano passado. Foram criadas 420 turmas especiais em 195 escolas públicas do DF para 12.174 alunos do CBA, que foram reprovados por mais de três vezes. A maioria tem entre nove e 15 anos.

As chamadas turmas de reintegração devem acelerar a alfabetização e levar os alunos para a série adequada a sua idade. Foi assim que Francisco, Djamir e Célia passaram a estudar em uma mesma turma, na Escola Classe do Riacho Fundo.

O conteúdo das aulas é o mesmo

do CBA. Mas os professores se dedicam exclusivamente às turmas especiais durante cinco horas diárias, de segunda a sexta-feira. À tarde, eles têm três horas para frequentar cursos reciclagem, trocar experiências com os colegas e assistir a aulas de capacitação.

Apesar dos bons resultados, o projeto enfrenta problemas. Para os professores, por exemplo, não é fácil enfrentar as turmas de reintegração — formadas de alunos com diferentes graus de dificuldades em aprendizagem.

Gisley José da Silva, que ensina na sala de Francisco e Djamir, se sente despreparada para lidar com a turma. "Não há material nem acompanhamento psicológico e os cursos são insuficientes. Aprendemos mais

PROVA DE FOGO

■ 24 mil alunos de 9 a 15 anos estavam há mais de três anos no Ciclo Básico de Alfabetização (CBA) — primeira fase do ensino público no DF (alfabetização à 2ª série).

■ Desse total, 12.174 foram matriculados em outubro de 1995 nas turmas de reintegração — criadas para acelerar a alfabetização e adequar a série à idade dos estudantes. Os outros alunos entrarão no projeto contra a repetência em 1997.

■ Desde então, 90% dos alunos matriculados nas turmas de reintegração aprenderam a ler. Dois mil alunos foram oficialmente para a 3ª série.

■ O projeto para diminuir a repetência no DF envolve 195 escolas e 420 professores. Ceilândia é a cidade mais beneficiada, com 3.075 alunos nas turmas de reintegração.

conversando com outros colegas", observa.

O remanejamento de vagas para a criação das turmas especiais é outra dificuldade. Na escola do Riacho Fundo, as quatro turmas de reintegração preencheram 40 vagas de alunos "normais". "Mesmo assim, nem todos os alunos repetentes foram atendidos", lamenta a diretora, Jonilda Borges Alves.

Outro obstáculo ao desenvolvimento do projeto são os problemas financeiros. "Não temos como divulgar nosso trabalho, nem como contratar uma empresa de consultoria ou fazer contatos com outros estados. Não há nem computador para colocar os dados do projeto", detalha Vera Maria. "Por isso foi importante ganhar o prêmio do Unicef", acrescenta.

Idéia de fracasso desestimula aluno

A sensação de fracasso é a principal causa da repetência, de acordo com a assistente da Divisão de Ensino Fundamental, Vera Maria Ribeiro. Para os alunos, a reprovação representa uma derrota e eles vão se sentindo, cada vez mais, incapazes.

Os professores acabam contribuindo com a baixa auto-estima dos estudantes. Foi o que aconteceu ontem de manhã, em uma das salas de aula da Escola Classe do Riacho Fundo, com uma turma do Curso Básico de Alfabetização.

Antes de a professora explicar a tarefa do dia, Ismael, de cerca de dez anos, resolveu fazer a lição sozinho. A professora — conhecida como Márcia — não gostou da atitude do garoto.

"Por que você fez isso? Você faz

sempre tudo errado", gritava Márcia. Os gritos eram ouvidos de todas as quatro salas de aula próximas. Enquanto a professora passava o sermão, a turma se mantinha em silêncio.

Questionada pela equipe do Correio por causa de sua reação, Márcia perguntou: "Vocês são professores?". Em seguida, explicou: "Esta turma até que é boa porque ainda quer aprender. Mas não é fácil controlar o comportamento dos alunos".

Vera Maria Ribeiro criticou o procedimento da professora. "Foi imposição e autoritarismo. Não podemos defender essa reação. Ela perdeu o equilíbrio. Às vezes, os problemas emocionais tomam conta das pessoas", observou.

Segundo Vera, Márcia podia ter aproveitado a ocasião para dar um ensinamento à turma. "Ela podia ter explicado a importância dos alunos esperarem sua explicação antes de fazerem as tarefas", sugeriu.

Para a assistente de educação, Ismael é um aluno com iniciativa, já que queria fazer a lição sozinho. "Isso não é negativo", acredita.

A orientação pedagógica da Fundação Educacional é para os professores evitarem os gritos em sala de aula, principalmente nas turmas de reintegração, onde os alunos repetentes já chegam com a auto-estima em baixa.

A diretora da escola, Jonilda Borges Alves, disse que não ouviu os gritos e que a professora Márcia não costuma gritar com os alunos.